

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
PSICOLOGIA**

PRISCILLA AGUIAR MAZETO

**ASPECTOS PSICO-SOCIAIS DO ALCOOLISMO À LUZ DA
PSICANÁLISE**

ATIBAIA – 2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
PSICOLOGIA

PRISCILLA AGUIAR MAZETO 3814093

ASPECTOS PSICO-SOCIAIS DO ALCOOLISMO À LUZ DA
PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Psicologia pelo Centro Universitário
UNIFAAT sob orientação da orientadora
Marcela Cavallari Augusto

ATIBAIA – 2021

RESUMO

O presente trabalho busca compreender, do ponto de vista da Psicanálise, o tema do Alcoolismo, investigando os motivos conscientes e inconscientes que levam um indivíduo ao consumo excessivo de álcool. Utilizamos o método de pesquisa bibliográfica para relacionar aspectos do desenvolvimento infantil, tais como fase oral, id, ego e superego; influências sociais, tais como uma valorização e desvalorização social do uso álcool, bem como de outras drogas psicoativas, dependendo do período sócio histórico-cultural, sendo utilizado como uma ferramenta da sociedade para aplacar o mal-estar gerado pelo contato do ego com a demanda do desejo do outro. Além disso, será apresentados possíveis prejuízos que podem ter ocorrido no desenvolvimento infantil, além de propormos considerações clínicas sobre o trabalho que pode vir a ser realizado com dependentes químicos. Pôde-se constatar que o fenômeno da adicção é multifacetado e multideterminado e dessa forma necessita ser investigado com mais profundidade e com um olhar mais humanizado, visando as questões individuais, porém sem desconsiderar fatores sociais que o influenciam.

Palavras chaves: Álcool, psicanálise, desenvolvimento, social, clínica.

ABSTRACT

The present work seeks to understand, from the point of view of Psychoanalysis, the theme of Alcoholism, investigating the conscious and unconscious reasons that lead an individual to excessive alcohol consumption. We use the bibliographic research method to relate aspects of child development, such as oral phase, id, ego and superego; social influences, such as a social appreciation and devaluation of alcohol use, as well as other psychoactive drugs, depending on the socio-historical-cultural period, being used as a society tool to alleviate the discomfort generated by the ego's contact with the demand of the desire of the other. In addition, possible harm that may have occurred in child development will be presented, in addition to proposing clinical considerations about the work that may be carried out with drug addicts. It can be seen that the phenomenon of addiction is multifaceted and multidetermined, which, therefore, requires further investigation and

a more humanized look, linked to individual individuals, but without ignoring social factors that influence it.

Key words: Alcohol, psychoanalysis, development, social, clinic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2. METODOLOGIA	7
3. ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO:	7
3.1 Fase oral	9
3.2 Fixação	11
4. ASPECTOS SOCIAIS	12
4.1 Mal estar e o uso de drogas	14
5. RELAÇÕES INFANTIS E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA	15
5.1 Relação mãe e bebê	20
6. CONSIDERAÇÕES CLÍNICAS	21
7. DISCUSSÃO	23
8. CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema: A Compreensão da Psicanálise sobre o Alcoolismo. Através de uma leitura aprofundada de teses, artigos e de obras clássicas da Psicologia e da Psicanálise, a pesquisa busca compreender os motivos conscientes e inconscientes que levam um indivíduo ao consumo excessivo de álcool.

De acordo com Tomazelli e Xavier (2012, P.90), a dependência alcoólica está diretamente ligada à negação da condição humana e isso ocorre no momento em que o sujeito vive sob a regência do princípio do prazer, negando todo e qualquer sofrimento inerentes à condição humana.

Dalgalarrondo (2019, p.339) aponta que a dependência de substâncias psicoativas está diretamente relacionada a uma personalidade pré-mórbida, ou seja, o sujeito já vem com uma predisposição para a dependência de álcool e drogas. Essa predisposição se manifesta através de sinais e sintomas que o sujeito apresenta ao longo de sua vida antes mesmo da instalação da dependência química propriamente.

Existem muitas teorias e explicações sobre a dependência química e seus desdobramentos. Esse trabalho pretende explicar um pouco sobre algumas pesquisas e pensamentos sobre o tema, articulando-os para sua melhor compreensão. Futuramente essa pesquisa poderá ser aprofundada através de outros estudos, o que auxiliará a construção de uma clínica mais humanizada para os adictos.

A justificativa acadêmica para esta pesquisa, é a possibilidade para auxiliar futuros acadêmicos na compreensão dos mecanismos que levam um indivíduo ao uso do álcool, bem como, na ampliação de artigos sobre o tema.

Socialmente, a justificativa para esse trabalho é desconstruir os estigmas impostos pela sociedade, esclarecendo as possíveis causas que levam um indivíduo a dependência química. Procurando incentivar o aprofundamento deste tema na atuação e compreensão dos psicólogos e dos agentes de saúde em geral.

Essa pesquisa contribui em uma compreensão aprofundada do alcoolismo, com o propósito de aprimorar o olhar e o manejo clínico da pesquisadora, sendo esta a justificativa pessoal para elaboração deste projeto.

A problemática desta pesquisa se refere a: Como a Psicanálise entende o alcoolismo? A partir disto temos 2 hipóteses iniciais: O alcoolismo pode estar

relacionado com o desenvolvimento psicossocial de Freud. O alcoolismo possui a possibilidade de se relacionar à fragilidade do ego ao longo das experiências vividas pelo adicto.

O objetivo geral deste trabalho é identificar os motivos conscientes e inconscientes que levam uma pessoa ao alcoolismo. Já os objetivos específicos deste trabalho são: Relacionar a oralidade de Freud com o alcoolismo e compreender a relação da fragilidade do ego com o alcoolismo.

O método de produção deste trabalho é por meio de um levantamento bibliográfico de artigos científicos, teses e livros, com o objetivo de coletar e articular as informações obtidas para a formulação de um novo conhecimento sobre o tema escolhido.

2. METODOLOGIA

Para a confecção da pesquisa, será realizado o levantamento de artigos, teses e livros produzidos por pesquisadores em Psicologia e Psicanálise. Os textos serão cuidadosamente selecionados por meio de algumas filtragens, sendo elas: palavras chaves, tempo de publicação dos artigos, teses, obras e a consonância destes com o tema. Em relação ao tempo das teses e artigos, eles não podem ter mais do que cinco anos de publicação. No entanto, se não for encontrada nenhuma publicação no período dos últimos cinco anos, o pesquisador poderá utilizar trabalhos que tenham sido publicados em um intervalo máximo de dez anos. Em seguida será realizada uma leitura aprofundada dos textos selecionados e o fichamento deste material. Posteriormente será feita a elaboração dos itens pesquisados e a construção textual do trabalho de conclusão de curso. Ao finalizar a parte escrita do trabalho será realizada uma revisão, assim, finalizando este trabalho.

3. ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO:

Freud (2014) esclarece que a percepção do bebê é direcionada à busca de satisfação e prazer. Desse modo, a ausência da mãe, mesmo que por pouco tempo, junta-se com o desconhecimento do bebê em relação ao tempo e ao seu desejo de ser alimentando, acariciado e embalado. Esses fatores geram a alucinação do peito materno, ou seja, o objeto que falta, que é a falta originária que todos os indivíduos possuem. Winnicott (1999) complementa essa fala pontuando que o primeiro contato

do bebê com o mundo ocorre através dos cuidados maternos, e com isso é possível ocorrer a identificação entre o bebê e a mãe, desta relação surge o que é chamado de laço transferencial.

Nesse ponto do desenvolvimento, o bebê necessita distinguir o que é real e o que é imaginário e isso se prolongará até a vida adulta. A falta do objeto originário (do seio) faz com que os indivíduos busquem uma forma de preencher essa falta, com objetos reais e possíveis de serem alcançados, dessa forma surgem as pulsões, as quais abordaremos com mais profundidade posteriormente. Para satisfazer essas pulsões, é necessário que elas sejam sublimadas, ou seja, direcionadas a outras representações, como o desejo de casar, ter filhos, se formar, entre outros. Essas representações do desejo constituirão a vida humana e suas possíveis conquistas e fracassos. Vale ressaltar que mais importante que o seio, mencionado anteriormente, é a experiência da amamentação e de ser nutrido, que pode ocorrer de diversas formas e não somente pelo seio da mãe.

Um aspecto relacionado com a sublimação é citado por Winnicott (1999) que cita o ato de brincar da criança relacionado intimamente com outros atos, como apreciar a arte, a criatividade, o sonhar, o sentimento religioso, fetiches, mentiras, perdas e rituais obsessivos e até o uso de álcool e drogas como relacionados ao brincar e ao objeto transicional, que será abordado no subcapítulo “Fase oral”.

Com o objetivo de compreender um pouco melhor o funcionamento do mecanismo psíquico irei descrever brevemente os conceitos de Id, Ego e Superego de acordo com Segal (1975):

- O Id é uma instância psíquica em que se originam as pulsões e sua força libidinal. Essa instância é inacessível para os indivíduos. As pulsões em uma analogia se comparam a um indivíduo com muita sede que necessita saciá-la a todo custo.
- O Ego é uma outra instância psíquica na qual as pessoas possuem um acesso parcial. Ela intermedia as pulsões do Id com o mundo exterior permitindo ou não a sua satisfação. Ele também é a parte parcialmente consciente da personalidade humana.
- O Superego é uma instância psíquica que age como uma espécie de juiz, permitindo ou freando que os impulsos do Id cheguem até o Ego. Quando um indivíduo possui um Superego muito rígido e inflexível, ele pode

experimental sintomas muito complexos e destrutivos, tais como as dependências emocionais e químicas.

Vale pontuar que o id e o superego possuem funcionamentos inconscientes, enquanto o ego, como já dito, é apenas parte consciente. Outro ponto destacado pela autora é o ritmo, que permeia diversas manifestações da vida como instintos e pulsões. O ritmo é a variação entre estados de repouso e excitação: As fases de repouso são silenciosas e nas de excitação é onde é possível observar as pulsões buscando se satisfazer. Em decorrência disso, as pulsões instintivas tendem a se repetir (SEGAL, 1975).

3.1 Fase oral

Dentre as fases do desenvolvimento sexual, focaremos agora na fase oral, devido a sua relação com o tema proposto, pois segundo Segal (1975) a satisfação relacionada à fase oral pode ocorrer devido à algumas atividades relacionadas a boca, como alimentos, fala, canto, como também no uso de álcool e drogas. Comportamentos desse tipo podem se manifestar de forma exacerbada, como também na recusa por alimento, por exemplo.

Outro ponto destacado pela autora é sobre a importância de não interromper a amamentação de uma criança de forma brusca, pois precisamos estar cientes do momento em que a criança está se deslocando da fase oral para a fase anal. Em outras palavras, quando o bebê já está perdendo o interesse pelo seio materno e se interessando por atividades mais independentes. Se a criança for desmamada cedo ou ocorra alguma fatalidade que gere a falta da mãe e não haja alguém que a substitua em sua função materna, pode ocorrer uma fixação na fase oral passiva, caracterizada pelo autoerotismo onde a criança encontra a satisfação em seu mundo imaginário. Pode-se observar esse autoerotismo pelo ato de sugar o dedo e chupar a chupeta por um longo período de tempo na tentativa de saciar a pulsão de ser amamentado. Já na vida adulta essa falta pode acarretar em sintomas masoquistas, tais como a dependência química, disfunção alimentar e dependência em cigarros (SEGAL, 1975).

Brandt (2017) aponta que é na fase oral que a criança busca incorporar o objeto, inicialmente ocorre a incorporação do leite, em seguida dos alimentos sólidos e mais à frente incorporam-se elementos psíquicos relacionados à atividade oral. Esta

incorporação é a base do conceito psicanalítico de identificação, quando o bebê se identifica com o outro, um adulto.

Podemos articular a fala de Segal (1975) com o pensamento de Winnicott (1999) que pontua que os bebês costumam usar os dedos para estimular a zona oral de modo a satisfazer tais instintos. Após um tempo, os bebês dirigem seus interesses a bonecas e objetos externos e alguns desses objetos podem se tornar especiais quando o bebe se apega a ele, estes objetos representam o seio, mas também é o início da exploração do bebe de objetos diferentes do “eu”. Além disso, alguns desses objetos, ou até padrões de comportamento podem ser mantidos em períodos posteriores da infância e serem até necessários para a criança dormir, para momentos de solidão, ou quando algum sentimento depressivo assola. Esse objeto constitui o objeto transicional, que foi citado anteriormente. Dessa forma para elucidar o que foi trazido foi necessário que conceitualizássemos os conceitos de id, ego e superego para explicar a dinâmica psíquica e origem da pulsão; utilizamos da dinâmica de ritmo de estados excitados e de repouso para elucidar a satisfação da pulsão, para finalizarmos com esse aspecto de conforto trazido pelo objeto transicional articulando com a ideia de sublimação para elucidar um dos aspectos que leva a busca por álcool e drogas.

Outro aspecto abordado por Freud é o termo sádico oral. Conforme os dentes começam a dar sinais, o bebê passa a atacar o seio materno, mordendo e buscando não somente alimento, mas também para satisfazer sua pulsão erótica: brincar, morder e dormir. Essa busca do seio para a satisfação não mais alimentar e sim de prazer, bem como os pequenos ataques que o bebê promove ao seio materno é denominado sadismo oral.

Já Lacan aponta que o uso compulsivo de drogas equivale a atividade masturbatória da sexualidade infantil, ou seja, na dimensão da sexualidade infantil a pulsão da criança se direciona ao seu objeto de amor, no caso, o grande Outro: os seus cuidadores. Tal direcionamento nem sempre consegue ser realizado fora do imaginário infantil, representado então por este ato masturbatório. Ou seja, a dependência química equivaleria a este ato, sendo o vício uma ação masturbatória do qual o sujeito direciona o seu objeto de amor para o químico de sua escolha (LACAN 1964/2008 apud ALENCAR, 2016, p.80).

3.2 Fixação

Brandt (2017) aponta que um fato marcante da sexualidade infantil se refere à busca do prazer obtido anteriormente, podendo ser algumas atividades orais comuns dessa época: chupar chuchar, ou movimentos em busca do prazer de mamar que esteve presente anteriormente. Podemos articular esse ato com a atividade masturbatória infantil, e a falta do seio materno descrita anteriormente.

A fixação pode ocorrer tanto nessa fase do desenvolvimento psicosssexual quanto nas fases posteriores, ocorrendo por diversos fatores ambientais ou devido à introjeção. Como exemplos de fatores ambientais, podemos citar os que são promovidos pelos pais, como forçar as mamadas ou impedindo que o bebê pratique o autoerotismo. Já como exemplo de introjeção, o bebê por algum motivo particular escolhe a fase oral para se fixar através de sua percepção do mundo, devido a uma experiência anterior do prazer e satisfação obtidos pela via oral. Desse modo, perante qualquer frustração vivenciada ao longo da vida, o indivíduo recorrerá à fase oral para buscar satisfação e superar a frustração vivenciada no momento, buscando reviver aquele vínculo simples de interesse infantil: mamar no seio materno (BRANDT, 2017). Ou seja, nos momentos em que a criança não teve as suas pulsões satisfeitas, ela fez o uso de subterfúgios, tais como chupar chupeta, que permitem que ela satisfaça parcialmente sua pulsão. Depois de se tornar adulta a criança pode, diante de qualquer frustração, apresentar esse comportamento de autoerotismo e satisfazer suas pulsões de modo oral, conforme explicado acima. Esse ato é chamado de fixação.

Dolto (1988) traz uma outra variável, pois um indivíduo pode se viciar pela imposição de alguém que o seduziu com alimento, sendo uma relação pouco humanizada com a mãe, o que pode gerar desejos masoquistas: de dar a mãe a excitação que acalma da mesma maneira como o dependente de álcool faz com a bebida alcoólica.

Já Freud (1916/2010 apud ALENCAR, 2016) compreende a dependência química em seu texto “As pulsões e seus destinos” como fruto entre a dualidade das pulsões, sendo essas a pulsão sexual e a pulsão de auto conservação. Desse modo a pulsão de autoconservação busca introjetar e conservar o mundo no ego, indo em direção à uma personalidade constante. Já a pulsão sexual impele a satisfação pelo prazer, colocando o sujeito em risco, buscando a inconstância da personalidade. Essa dualidade de constância e inconstância leva a uma compulsão à repetição e busca de

satisfazer imediatamente as pulsões. Já Segal (1975) aponta sobre a projeção da libido juntamente com o instinto de morte, essa projeção serve para aliviar a pressão gerada pela contenção de tais energias. Para que essas pulsões sejam satisfeitas, a libido será direcionada a um objeto, que além de aliviar a ansiedade por conter essas energias o objeto será idealizado como algo que satisfará o ego e conservará a vida.

4. ASPECTOS SOCIAIS

Neste capítulo iremos abordar alguns aspectos sociais e a influência que o período histórico possui em relação ao uso de psicoativos, destacando alguns paradigmas sociais além de citarmos um pouco do uso de substâncias como forma de alívio de um mal estar social. Com isso o principal autor utilizado será Alencar, devido a profundidade que aborda sobre o tema, além de articular suas referências com outros autores.

Alencar (2016) indica um elemento que contribuiu para o vício em drogas ser a própria contribuição científica, pois atualmente a ciência equivale para nós o que a igreja já foi para o povo medieval, visto que os reis de outrora tinham a igreja como a principal auxiliar para comunicar ao povo a vontade de Deus, diminuindo a resistência do povo em acatar às exigências do rei. Com a diferença que a religião foi suprimida pela ciência através das épocas, que vem agindo conforme a demanda sociopolítica de cada época. Por exemplo, na revolução industrial se recomendava o uso de álcool para acalmar as crianças e permitir que as mães trabalhassem por mais tempo, porém isso acarretou em diversas mortes infantis que gerou gastos governamentais passando a ser proibido. Após essa época tivemos o uso de anfetaminas como descongestionante nasal e cocaína como estimulante para os trabalhadores, além da redução do sono e apetite. Posteriormente, durante as guerras, as drogas foram muito usadas por soldados, servindo até como moeda, pois servia aos soldados como uma forma de se tornarem melhores soldados, mais concentrados, dispostos e até minimizar o sofrimento psíquico diante da guerra (ALENCAR, 2016) Atualmente temos ansiolíticos e antidepressivos como auxiliares do bem estar para que a população continue buscando a felicidade proposta. Dessa forma, em cada época temos o uso de drogas que são aceitas ou não, de acordo com questões políticas econômicas e sociais.

O autor acrescenta que a droga foi utilizada ao longo da história humana, sendo até uma forma de melhorar os desempenhos de operários. Além disso, o tempo é um fator relativo frente às diferentes classes econômicas, pois, enquanto os mais ricos recebem mais capital por hora, os mais pobres apenas sobrevivem com o que ganham. Essa desigualdade gera um desconforto para a classe operária, dessa forma esta classe busca no álcool e nas drogas um refúgio para amenizar o cansaço do trabalho, porém isso pode torná-las improdutivas e desinteressantes para a economia, o que reforça as políticas antidrogas com uma moral corretiva, de modo a reduzir o uso de drogas e levar o trabalhador de volta ao seu cargo, para voltar a gerar lucro. Aliás, a ideia moderna sobre drogas ainda está associada à preservação do controle e ordem política, dessa forma, o tratamento se torna uma questão ética, e deixa de ser visto como uma tentativa de adequação ao “normal” (ALENCAR, 2016). A partir disso, tanto no Brasil como no mundo, as drogas são vistas a partir do ponto de vista moral, o que leva a uma dicotomia, pois o uso de drogas serve aos interesses políticos e sociais, porém ao mesmo tempo as vezes é proibido, por ir contra esses interesses e ferir o normal, e a questão moral socialmente determinada.

Outro fato trazido pelo autor é a como a sociedade, desde o período industrial, moldou a maneira “correta” de seu utilizar drogas lícitas ou ilícitas que também possui um caráter educativo e punitivo. As pessoas que fugissem da norma seriam vistas como pessoas sem caráter, improdutivas e perigosas, dessa forma deveriam sofrer com ações policiais, internamentos manicomiais e afastamento da sociedade, pois seriam capazes de cometer qualquer tipo de atrocidade, já que mal conseguiam se controlar para não usarem drogas (ALENCAR, 2016).

Neste período da revolução industrial era também comum que aos finais de semana os operários se dirigissem aos bares e se embriagassem com o pouco dinheiro que possuíam. Esse comportamento deturpou o conceito de felicidade e caráter imposto pela sociedade, além de que os trabalhadores embriagados caíam em sarjetas e perturbavam a paisagem e a ordem das cidades. Dessa forma a visão que se tinha do adicto se atrelou a sua classe econômica, e socialmente poderia se ter a ideia que eles seriam miseráveis que usam drogas para se manterem vivos (ALENCAR, 2016). Lembrando também o que Bento (2006 apud ALENCAR, 2016) afirma sobre a origem do termo “adicto”, que tem sentido a escravidão como uma forma de pagar dívidas, dessa forma também relacionada a questão econômica.

Fiamenghi Jr. e outros autores (2018) apontam outro fator que se opõe a visão do pobre atrelado ao uso de álcool e drogas, pois algumas vezes o álcool se vincula ao poder, sucesso e status social, fatores que são mais valorizados na sociedade do que o próprio indivíduo. Dessa forma, Stscechen e Bento (2008 apud FIAMENGHI-JR et al.,2018) relatam que a bebida permite ao indivíduo criar uma imagem onde ele aparenta ser mais mais belo, seguro de si e mais rico, favorecendo o narcisismo criado pelo indivíduo sobre efeito do álcool.

Alencar também enfatiza uma relação entre a felicidade como sendo um sinal de uma sociedade satisfeita com seu governo, inclusive Lacan (1969-1970/1992 apud ALENCAR, 2016) aponta a felicidade como um fator político, pois o governo passa a ser visto como um suporte social, porém caso o indivíduo não reconheça o estado como tal, este passará a ser considerado um inimigo interno, que será excluído de sua participação política e de sua vida pública. Um exemplo disso, são os viciados, moradores de rua, refugiados e imigrantes ilegais, que passaram a ter uma imagem associada à perturbação da paz e felicidade daqueles que servem ao esquema produtivo: os trabalhadores e pessoas de bem (ALENCAR, 2016).

4.1 Mal estar e o uso de drogas

Alencar (2016) menciona sobre o uso da cocaína por Freud, bem como outras substâncias como o álcool e tabaco. Freud apontava vários usos sobre o uso da cocaína, como aumento da disposição, diminuição do apetite e do sono e, conseqüentemente, um melhor rendimento no trabalho. Freud chega até receitar a substância para um médico com uma infecção no dedo adquirida em uma autópsia, como um analgésico e estimulante. Vale ressaltar que o autor compara o uso de cocaína por Freud em sua época não ser tão diferente de quem utiliza ansiolíticos ou outros medicamentos para amenizar um sofrimento corporal.

Alencar também aponta que esse uso de substâncias por Freud é importante para compreendermos a obra “O mal-estar da civilização” que menciona a violência entre classes como uma segregação entre os que desfrutam de vários benefícios sociais e aqueles que são meros operários com salário baixo, sendo o fruto desse mecanismo, um desajuste psíquico, que deixa o sujeito propenso a buscar conforto nas drogas. Por sua vez, o uso desenfreado de substâncias pode surgir do incômodo do sujeito que busca realizar seu desejo, mas é impedido pelas regras da sociedade,

necessitando se satisfazer por outras formas mais rápidas, como o uso de drogas. Além disso, os autores Tomazelli e Xavier (2012) citam que na teoria freudiana, os indivíduos possuem uma constante busca por prazer desde o nascimento, este prazer enfrenta diversos impedimentos para se satisfazer, tanto pelos mecanismos psíquicos, como por influências externas, o que leva ao indivíduo se adaptar para se encaixar socialmente e até individualmente, pois essas pulsões não são aceitas e precisam ser convertidas, ou seja, sublimadas para serem de alguma forma satisfeitas.

Tomazelli e Xavier (2012) também apontam também sobre o uso de substâncias tóxicas com o objetivo de atingir um estado que não é alcançado biologicamente ou socialmente, além disso há o uso sistemático e repetitivo da prática de consumo de álcool, por exemplo: beber todos os finais de semana, o que caracteriza a prática não apenas como o uso da substância mas sim, destacando um uso quase que psico-religioso, devido a periodicidade da prática, que se assemelha a um ritual semanal.

Além disso Freud (1930/2010 apud ALENCAR, 2016) relata que o uso de drogas pode se relacionar com as angústias do sujeito em sociedade, pois devido a sua dificuldade em se satisfazer diante da sociedade e do outro, o sujeito buscará o autoerotismo, dessa forma o vício passará a ser uma possibilidade acolhedora para suas angústias. Charles Melman (1992 apud ALENCAR, 2016) contribui para essa ideia apontando que qualquer sujeito pode se render a um vício devido às contingências das relações sociais. Dessa forma Ferenczi (1912/2018 apud ALENCAR, 2016) aponta que o uso de álcool e drogas são consequências do indivíduo tentar solucionar o conflito psíquico.

5. RELAÇÕES INFANTIS E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA

A partir da teoria de Mellanie Klein, iremos abordar alguns aspectos que possam ser levados em conta para nos auxiliar a compreender mais sobre o tema do alcoolismo.

De início podemos destacar o que Segal (1975) aponta que durante a posição esquizoparanóide a mãe é percebida em partes, essas partes podem ser boas ou más dependendo do que a mãe proporciona ao bebê, mais especificamente em um seio que promove amor, leite e conforto. Um seio mágico de onde se provém tudo o

que é necessário para uma vida plena e gratificante. Em contrapartida também existe um seio mau, esse seio mau provoca medo, fome, angústia e solidão, se tornando alvo de todos os ataques físicos e imaginários do bebê, dessa divisão surgem os termos objetos parciais. Dessa forma, quando o bebê encara o medo, sensações persecutórias entre outras, o bebê pode negá-las, passando a idealizar o objeto a partir de suas experiências benéficas, sejam reais ou oriundas da fantasia do bebê, com isso surge uma relação entre o bebê e o objeto ideal (SEGAL, 1975).

Apontamos anteriormente a relação entre o uso de drogas, e até do álcool com a oralidade, aqui retomamos com Segal para analisar a possibilidade do álcool se tornar o objeto idealizado, aquilo que promove conforto e auxilia o ego a lidar com as angústias geradas pelas frustrações. Além disso Tomazelli (2012) aponta que o alcoolista utiliza o álcool visando a criação de um novo ego idealizado. Com isso ele se distancia de sua condição humana se tornando como um deus que consegue superar suas angústias humanas, o que além de gerar um dependente químico, também gera uma dependência psíquica do que o álcool representa e oferece, utiliza-se então o termo idealcoolatra. Dessa forma podemos observar a idealização do objeto que aplaca a angústia e substitui a satisfação gerada pelo seio materno: o álcool.

A mãe ideal se passa no imaginário do bebê, onde ela lhe proporciona leite infinito, carícias infinitas, amor e abrigo. No futuro essa mãe ideal provavelmente será substituída por algo que lhe proporcione a mesma sensação: o álcool. Por esse motivo os idealcoolistas se agarram ao álcool como a única forma de encontrar abrigo e amor, tornando o vício algo religioso e sagrado, como uma mãe ideal. (SEGAL, 1975).

Fiamenghi Jr. e outros autores (2018) apontam, que o álcool pode gerar sensação de completude, um preenchimento da falta que angustiava o sujeito e agora impulsiona o alcoolista para o objeto que pode lhe proporcionar o gozo primitivo que vivenciou anteriormente na relação com sua mãe: a bebida alcoólica. Com ela surge a experiência de liberdade e gozo, porém após a felicidade vem o mal estar do excesso de álcool no corpo, mal estar esse que é considerado pela psicanálise como um confronto com a realidade. Galvão (2001, apud FIAMENGHI-JR et al, 2018) aponta que ao se confrontar com a realidade o alcoolista irá buscar novamente a sensação do gozo, que fará buscar a substância alcoólica novamente, que fará se sentir mal novamente e assim formando um ciclo que se repete e não é

a toa que recebe o nome de vicioso. Dessa forma o álcool passa a ser visto inconscientemente pelo alcoolista como um objeto que o livra das angústias da vida e da sensação de aniquilamento e assim o defendendo da sensação de falta e se tornando o objeto ideal (CAMPOS, 2011 apud FIAMENGHI-JR et al.,2018).

Assim como o instinto de morte gera ansiedade por ser contido, este precisará ser projetado para fora, dessa forma a libido será projetada também, essa libido auxilia o ego a criar o objeto idealizado, que irá auxiliar o ego na preservação da vida, ou seja, esse objeto que passa a ser idealizado irá auxiliar o bebê a enfrentar algumas dificuldades despertadas pela angústia gerada pela frustração do seio mau, passando a representar aquilo que o bebê deseja ter e se identificará com ele. No entanto, nas fantasias do bebê, ele pode praticar ações que prejudicam o objeto ideal de modo agressivo, dessa forma o objeto não consegue se restaurar. Decorrente deste ato agressivo, quando mal elaborado, poderá gerar um ego frágil e conseqüentemente um adulto desestruturado, regredido com tendências autodestrutivas (SEGAL, 1975).

Sobre essas tendências autodestrutivas, Dolto (1988) aponta de início que todo indivíduo possui em si uma dinâmica hedonista que faz parte de nós desde que nascemos e vai se fortalecendo ao longo da vida. Essa atividade hedonista, ou a busca pelo prazer, encontra elementos internos e externos ao indivíduo que impedem a sua satisfação. Como apontamos anteriormente, os desejos que não conseguem ser satisfeitos acabam por serem sublimados, porém essas sublimações nem sempre ocorrem de forma saudável, podendo gerar sintomas masoquistas devido a uma culpa de origem inconsciente, algumas dessas atitudes são a dependência química e até a busca por atividades perigosas. Novamente vemos o álcool tanto como uma forma de minimizar a angústia do sujeito e satisfazê-lo, como também uma forma masoquista de aplacar o sentimento de não ter sido satisfeito devido a uma culpa.

Segal (1975) pontua sobre a ansiedade como um mecanismo do ego se defender do instinto de morte, dessa forma é destacada dois tipos de ansiedade: a paranóide e a depressiva, iremos posteriormente focar na ansiedade depressiva. A ansiedade paranóide é experienciada quando o bebê sente que sua agressividade direcionada aos objetos, ainda vistos como parciais, resultaria em uma retaliação contra o bebê. Além disso, ao deferir os ataques ao seio mau, a criança experimenta a angústia que esse seio contra-ataque, tanto contra si, quanto contra o seio bom

por ele protegido. Melhor explicando, o bebê utiliza sua agressividade contra os objetos e estes são destruídos, mesmo que em sua fantasia. Os objetos então retornam para destruir o ego do bebê e até sua idealização de seu próprio ego, dessa forma o bebê vê essas formas como persecutórias e onipotentes (SEGAL, 1975).

Anteriormente mencionamos que o bebê enxerga os objetos como parciais na ansiedade paranóide, porém na fase depressiva a criança vê os pais como objetos totais, não sendo apenas bons ou maus, mas ambos ao mesmo tempo, daí deriva a dualidade de sentimentos de amor e ódio, que podem gerar sentimentos de ciúmes e até luto. Podem ocorrer dificuldades maiores quando o bebê não consegue introjetar o objeto total, dessa forma o bebê irá enxergar o mundo dividido entre bem e mau, o que além de problemas psicológicos, podem gerar problemas sociais, com isso temos a ansiedade depressiva, que é marcada pela ambivalência de sentimentos. Quando o bebê acredita que sua agressividade aniquilou seus pais devido a esta dualidade de sentimentos, o bebê teme até a sua própria destruição, o que também gera a culpa, dessa forma, a culpa é um sentimento de ter danificado ou destruído os pais que o bebê tanto ama. Tomazelli (2012) também aponta que em meio a seus ataques agressivos o bebê pode temer ter destruído a mãe amada juntamente com a mãe odiada, a partir disso pode surgir um sujeito com ego vulnerável e sensível, que experimenta angústias intensas que só podem ser aplacadas com álcool. Segal (1975) acrescenta que quando a culpa se intensifica, pode haver dificuldades de reparar os danos até mesmo na adultez, por sua vez, a dualidade de sentimentos não elaborada podem ocorrer algumas patologias obsessivo-compulsivas, maníaco-depressivas e até toxicológicas (SEGAL, 1975).

Mas do que se trata essa reparação? Segundo Segal (1975) é um mecanismo para reparar o dano causado a um objeto amado, dano esse que foi causado pela própria agressividade do bebê. Quando ele sente que destruiu sua mãe, a culpa e o desespero geram o desejo de restaurá-la para recuperá-la interna e externamente. Esse mecanismo surge como forma de resolver a ansiedade depressiva que ocorre durante a fase depressiva, já que essas atitudes de reparação ajudam a resolver as ansiedades depressivas, porém quando ocorre na fase maníaca, a reparação ganha traços de desprezo, controle e triunfo pelo objeto, dessa forma essa outra forma de reparação surge para evitar que a culpa e a perda sejam vivenciadas, que também podem levar a patologias futuras como dependência química. A autora também acrescenta que a posição depressiva está sempre presente em nossa vida, pois

sempre teremos ansiedades acompanhadas de sentimentos de culpa e ambivalência, além de experiências de perda, que nos remetem a experiências depressivas.

Alencar (2016) se utilizando da teoria freudiana, aponta que as pulsões se relacionam com o princípio da realidade, além de que há duas forças opostas no psiquismo humano: a pulsão de vida (que visa a vida, união) e de morte (que impulsiona o indivíduo a retornar ao estado inicial e estático, onde não há falta). Dessa forma, mesmo que o indivíduo busque viver, ainda existirá a pulsão que incentiva a retornar a um estado relaxado, dessa forma surge a repetição. O autor cita alguns exemplos disso, como quando o indivíduo deseja casar e ter uma família, cuidar de sua saúde etc, mas ao mesmo tempo quer passar horas dormindo, comer alimentos não saudáveis e até usar drogas, para não sentir a angústia da falta.

Complementando sobre a satisfação mencionada anteriormente, Radó (1933/1997 apud ALENCAR, 2016) aponta que a dependência química se origina com a realização dos desejos infantis pelo princípio da realidade, este processo está relacionado com a fase narcísica. Na adultez, o indivíduo pode tentar obter as satisfações de sua infância usando drogas pois estas proporcionam essa satisfação através do princípio da realidade, que foi adaptada e se torna agora um vício.

Freud (2014) aponta que a negação é um fenômeno no qual o indivíduo revela um conteúdo inconsciente, porém ganha uma negativa ao ser expressada. Por exemplo, uma pessoa que pontua não ser alcoólatra, mas que bebe socialmente. Dessa forma a consciência possui um juízo moral sobre algo que o sujeito possui em seu inconsciente e o inconsciente manifesta esse conteúdo burlando o juízo consciente por conter uma negativa, dessa forma se torna mais aceitável ao sujeito. Sobre a dependência química, podemos notar a dificuldade dos adictos possuem para aceitá-la como realidade e negam os fatores internos e externos que mantêm o vício. Dessa forma, o autor também aponta que o conteúdo reprimido pode se manifestar na consciência de forma mais aceitável se for negado, pois não aceitamos o conteúdo puro, sem negativas. Com isso podemos notar como nossas funções racionais se afastam de nossos afetos reforçando a repressão, pois o conteúdo, mesmo sendo manifesto, permanece negado e sem a tomada de consciência sobre ele.

A partir deste juízo moral que ocorre através das negações podemos notar que esse valor moral só existe pois o indivíduo aprendeu o que é certo e errado,

dessa forma suas experiências vivenciadas na primeira infância constitui o modo como o indivíduo irá agir diante as questões morais da vida. Este fenômeno ocorre também quando o bebê escolhe o que absorverá do mundo através da introjeção (relacionado à fase oral), e também definirá o que o sujeito irá expulsar para o mundo como conteúdo indesejado no fenômeno conhecido como projeção, na qual o sujeito também nega o que faz parte de si, porém atribui ao outro esses conteúdos. Um bom exemplo desse mecanismo é facilmente percebido na fala de um paciente adicto quando ele diz: “eu não sou alcoólatra, a minha esposa sim é alcoólatra. Ela bebe todos os sábados à noite”. Na realidade esse paciente bebe todos os dias até ficar inconsciente (FREUD, 2014).

Freud (2014) também aponta que dependendo do modo como os pacientes manifestam suas ideias durante a análise, possibilita algumas intervenções, como quando o sujeito pontua, logo de início, que a figura feminina que lhe apareceu em um sonho não é sua mãe, a partir dessa defesa podemos desconsiderar sua negativa e concluir que a ideia pura por trás do sonho é que de fato aquela figura é sua mãe. Dessa forma é como se o sujeito dissesse: “realmente era minha mãe no sonho, porém não quero admitir isso”.

Tendo em mente o funcionamento dos mecanismos de projeção e introjeção, temos também os princípios que determinam esses juízos morais que acabam por serem polarizados: entre o bom e o mal, utilizando-se também da negação, que para fortalecer o que é correto para o indivíduo, irá então negar o que é ruim, mesmo que não seja. Como exemplo, um indivíduo viciado em tabaco nega completamente os efeitos nocivos de tal vício e relaciona sua doença pulmonar com a poluição do local onde ele vive.

5.1 Relação mãe e bebê

Apontamos anteriormente sobre a identificação do ponto de vista do bebê, cabe agora explorarmos um pouco mais dessa relação a partir do ponto de vista da mãe. Segundo Tomazelli (2012) Quando a mãe objetifica seu bebê, ela o transforma em um bebê ideal, negando assim o bebê real e condenando-o aos caprichos de seu inconsciente. Acontece que ao nascer, a criança não possui uma estrutura solidificada de Ego e se rende facilmente aos desejos eróticos de uma mãe adoecida. Essa mãe geralmente se sente feliz ao forçar seu pequeno a mamar mais do que ele

realmente necessita, impondo seu seio e forçando a amamentação. Essa atitude faz com que a criança viva um processo de desumanização tornando-se um objeto do desejo de sua mãe. Dessa forma a mãe não auxilia na construção de personalidade da criança, já que ainda não possui uma personalidade própria. Ela trabalha para que esse bebê seja a extensão do seu próprio EU e viva para satisfazer o ideal da mãe extremamente identificada com seu pequeno. Com isso, no futuro teremos um indivíduo que provavelmente não terá sua própria personalidade e estará fixado na fase oral, utilizando o alimento, álcool e/ou drogas para acalmar sua angústia por viver desde muito jovem em prol do desejo dos outros. Com isso nos resta a saber o quanto a relação transferencial entre mãe e filho podem afetar de modo profundo o psiquismo do bebê, e possivelmente transformando o psiquismo que poderia ser um homem comum no psiquismo de um alcoólatra.

Tomazelli (2012) também aponta que durante a identificação com a mãe algumas falhas podem ocorrer, fazendo com que a criança procure a mãe ideal e não a mãe real. Esse processo acontece quando a neurose da mãe se sobrepõe às necessidades de seu pequeno e como o ego do bebê ainda é embrionário, ele se rende ao desejo inconsciente de sua mãe. Sendo assim, o único modo que o bebê encontra para satisfazer seus impulsos libidinais é por meio do autoerotismo, isto é, uma espécie de compensação do que lhe falta. A criança, através de um recurso imaginativo, delira que está se amamentando por exemplo, e então leva o polegar até os lábios e o suga como se esse fosse o seio materno, acalmando seu desejo de ser amamentado.

6. CONSIDERAÇÕES CLÍNICAS

A OMS (1994 apud ALENCAR, 2016) possui uma visão ampla para compreender o funcionamento das drogas, possuindo a ideia de que substâncias que possuam o objetivo da cura e bem estar físico ou mental pode também ser considerado uma droga. Para a farmacologia não é diferente, já que entendem que qualquer composto físico que altere a fisiológica de um organismo físico pode ser considerado uma droga, porém a nomenclatura droga está inclinado a substâncias que acarretem uma alteração psicológica, associado a drogas ilícitas e até lícitas, como álcool, café e até o chocolate.

Para a Fiamenghi (2018), a clínica não olha o alcoolismo como doença ou busca classificá-lo como tal, voltando apenas o olhar do sujeito para si, vendo o alcoolismo como um sintoma. Dolto (1988) explica que a Psicanálise caracteriza o sintoma como pulsões que não usufruíram de uma satisfação na realidade devido a um superego rígido, podendo ocasionar um sentimento de angústia no indivíduo, que inconscientemente converte o conteúdo em um sintoma socialmente aceito, então, se mostrará como algo que atrapalha a vida do sujeito acarretando em uma doença incurável, ou em um vício.

Com isso Freud (2014) pontua que os indivíduos que acabam exacerbando em suas fantasias como forma de satisfazer suas pulsões podem acabar negando a realidade e se aproximando de sintomas psicóticos, ou até representando sua falta originária com traços masoquistas, negando o risco de suas escolhas o que ocorre principalmente em casos de dependentes químicos.

Alencar (2016) critica a incapacidade dos governos históricos no que se refere a visão sobre as drogas pelo ponto de vista da saúde e não com um olhar punitivo, já que a droga pode trazer benefícios ou malefícios de acordo com os interesses políticos de cada época. Dessa forma podemos exemplificar pela cocaína, que já foi considerada um remédio importante, sendo até utilizado clinicamente por Freud durante um longo período. No entanto, atualmente a cocaína é rotulada como uma droga ilícita e perigosa para quem a utiliza, ao ponto de ser necessária a aplicação de medidas corretivas de modo legal e moral. Além disso, Charles Melman (1992 apud ALENCAR, 2016) defende que qualquer indivíduo pode se tornar adicto devido às condições sociais, contingências nas relações ou em função de procedimentos médicos.

Dessa forma, Alencar (2016) pontua que a toxicologia é impossível de governar, pois a sociedade busca mais o lucro através do uso de substâncias do que o bem estar da população vulnerável. Aliás, Ferenczi (1911/2008 apud ALENCAR, 2016) aponta que o uso de álcool resulta de conflitos psíquicos, não devendo ser considerado a causa do problema como postulava a visão psiquiátrica da época.

7. DISCUSSÃO

A partir do presente estudo pudemos investigar aspectos do alcoolismo e a compreensão psicanalítica sobre o tema. Dessa forma, buscando compreender motivos conscientes e inconscientes que levam ao consumo excessivo de álcool.

Disso surgem 2 hipóteses: O alcoolismo pode estar relacionado com o desenvolvimento psicossocial apontado na teoria freudiana. Tal hipótese se confirmou devido ao apontamento de que o bebê possui uma perspectiva hedonista, ou seja que busca satisfação e prazer, no entanto a falta da mãe, ou de uma figura que o alimente, proteja e o satisfaça podem lhe gerar uma angústia, sendo esta a falta originária do seio, que levam o indivíduo a preencher tal falta com objetos reais (FREUD, 2014).

A figura idealizada da mãe surge na imaginação do bebê, lhe provendo carinho, amor e abrigo que a mãe real não pode proporcionar. Dessa forma a figura idealizada da mãe poderá ser projetada em algo que gere a mesma satisfação de antes. Indivíduos com tais características reconhecem o álcool como forma de encontrar tal proteção, abrigo e conforto. Assim como as libido pelo ideal da mãe foi projetado, o mesmo pode ocorrer com a pulsão de morte, porém com o objetivo de preservar a vida e também ajudar a proteger o bebê das frustrações da vida, gerando também uma identificação com a figura idealizada (SEGAL, 1975).

Também citamos a oralidade, a fase oral descrita por Freud, sendo relacionada a atividades bucais, tais como a procura por alimentos, bebidas alcoólicas e drogas. A partir disso, há a busca por um prazer anterior, obtido através da oralidade com o sugar do dedo, sendo uma fantasia representativa do seio materno, o seio que antes satisfazia suas pulsões e aliviava as frustrações (SEGAL, 1975; BRANDT, 2017; FREUD, 2014).

Dessa forma, apontamos o álcool como uma forma de amenizar a angústia do indivíduo, da mesma forma que é um ato masoquista, que não gera satisfação devido a uma culpa. No caso de quando um bebê, acredita que sua agressividade destruiu seus pais devido a junção de amor e ódio, o bebê também teme sua própria retaliação, sentindo culpa, além disso a mãe amada pode ser destruída juntamente com a mãe odiada, visto a visão da mãe em partes pelo bebê. A partir disso temos um ego vulnerável e sensível, que pode evoluir para um indivíduo que para aplacar tais sentimentos, faz uso abusivo do álcool (SEGAL, 1975; TOMAZZELLI, 2012).

A partir de tais afirmações, a segunda hipótese: O alcoolismo possui a possibilidade de se relacionar à fragilidade do ego ao longo das experiências vividas pelo adicto. Se mostrou possível, porém incompleta devido a complexidade do fenômeno que vai para além do indivíduo se estendendo por fatores históricos e sociais, tais como veremos a seguir.

Freud (1916/2010 apud ALENCAR, 2016) também irá descrever as pulsões sexuais (busca do prazer) e de autoconservação (busca estabilidade e segurança), e com isso mesmo que a pulsão sexual o impulsiona, há também outra pulsão que o inibe para retornar a um estado relaxado, dessa alternância surge uma compulsão à repetição e busca por satisfação das pulsões.

Socialmente falando, temos ansiolíticos e antidepressivos em nossa era, que nos auxiliam a uma busca pela felicidade proposta pela sociedade, sendo tal felicidade um fator político, que demonstra o governo como uma figura de suporte social. No entanto as drogas socialmente aceitas variam de acordo com o período histórico vigente, bem como questões econômicas, pois até a cocaína já foi um remédio socialmente aceito. Dessa forma surge uma incapacidade dos governos históricos de tratar a questão das drogas pelo ponto de vista da saúde e não como algo a ser punido, ou seja tal fenômeno, é impossível de dominar, devido ao fator de busca por lucro a partir das drogas do que pela saúde da população. Além disso, o indivíduo que desconsidere o estado como um suporte social passará a ser visto como um inimigo interno que será privado de sua participação política. Sobre as questões sociais, o mal estar se refere a segregação entre as classes sociais. Tal desconforto gerado pela desigualdade pode levar o indivíduo ao consumo de drogas (ALENCAR, 2016).

8. CONCLUSÃO

Futuramente essa pesquisa poderá ser aprofundada através de outros estudos, o que auxiliará a construção de uma clínica mais humanizada para os adictos. Além disso, pudemos notar a falta de materiais bibliográficos e até pesquisas de campo dentro da psicanálise sobre o assunto.

Acreditamos que deveria haver mais aprofundamento sobre o tema do alcoolismo, já que o uso do álcool está atrelado a nossa sociedade desde os primórdios da humanidade. Indicamos para futuros pesquisadores a realização de estudos de campos que investigassem o tema do alcoolista, mais relacionado ao

social, não somente centrado ao sujeito. Tal indicação possui o objetivo de uma melhoria da qualidade de vida e alternativas para o tratamento dentro da psicanálise, considerando o tema como um fenômeno multifacetado que necessita de uma visão mais aprofundada.

Se fez evidente uma desatualização da psicanálise sobre o tema, pois a literatura clássica se fez necessária a pesquisadora para responder a problemática da pesquisa, porém não foi encontrado abordagens específicas sobre o tema, ao passo que na literatura mais recente encontramos diversos pensamentos abarcando os mesmos autores clássicos. A partir disso, se faz necessária uma atualização da psicanálise, visto a falta de materiais sobre alguns temas, bem como as próprias transformações da sociedade que ocorreram da época de Freud até os dias atuais.

Ressaltamos que o uso do álcool é extremamente valorizado na sociedade, não apenas como um alívio do cansaço, mas também carregando uma ambiguidade: glamour e estigma. Ao mesmo tempo que o indivíduo que ingere álcool socialmente é mais bem visto do que o indivíduo que bebe abusivamente. O mesmo se refere a classe social do indivíduo: o sujeito de classe social elevada, que bebe whisky importado, não sofre o estigma que o sujeito em situação de rua sofre por ingerir sua cachaça.

Por fim, a presente pesquisa buscou responder o motivo da escolha do álcool como droga e através de um proficiente levantamento bibliográfico atingiu o seu objetivo.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, R. **A fome da alma**: psicanálise, drogas e pulsão da modernidade. São Paulo: USP, 2016. 160p. tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-07022017-105533/publico/alencar_do.pdf>. Acesso em: 28/03/2021.

BRANDT, J. A Psicanálise de Freud Explicada. 1º. ed. São Paulo: Zagodoni. 2017.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3º ed. Porto Alegre: Armed. 2019.

DOLTO, F. **Psicanálise e Pediatria**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1988.

FIAMENGHI-JR,G; SILVA,M;KOBAYASHI,M. Álcool como sintoma: histórias de vida de dependentes. **Perspectivas Em Psicologia**, vol. 22, N. 2, pp. 114 - 138, Jul/Dez, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.14393/PPv22n2a2018-08>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

FREUD, S. **A negação**. 1º. ed. São Paulo: Cosac Naify. 2014.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. A pesquisa em psicanálise. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 83-106, Jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 nov. 2020

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24º.ed. São Paulo: Cortez,2016.

SEGAL, S. **Introdução À Obra De Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago. 1975.

TOMAZELLI, E; XAVIER, A.A. **Idealcoolismo**: um olhar psicanalítico sobre o alcoolismo. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2012.

WINNICOTT, Donald W. **Os bebês e suas mães**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999.